

CORRESPONDÊNCIA NA BIBLIOTECA NACIONAL

RONALDO MENEGAZ

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL/BR

a Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, criada com o nome de Gabinete de Manuscritos em 1810, possui um rico acervo documental com cerca de 760.000 documentos e 5.000 códices da maior importância para os estudos de História administrativa, social, política e literária do Brasil. Sob a custódia da Divisão, encontram-se desde códices do século XI até coleções epistolares autógrafas de autores modernos e da contemporaneidade.

Um estudo, por menos atento que seja, dos catálogos da Divisão de Manuscritos revela evidências de uma imensa massa de documentos históricos, mas também da fraca documentação literária, se pensarmos em termos de originais manuscritos, datilografados, ou mesmo provas tipográficas que contenham emendas e correções manuscritas de autores. Quer-me parecer que nunca houve preocupação com obter esse tipo de material documental na Biblioteca, mesmo porque esse tipo de material foge à obrigação de depósito, por força da lei chamada do Depósito Legal.

Honrosa exceção feita ao espólio de Lima Barreto, constituído de originais de alguns romances e contos, de anotações, artigos de

jornais e vasta correspondência com outros autores, sobretudo com Monteiro Lobato.

No entanto, é valioso o acervo de correspondência entre escritores brasileiros, de grande valia para os estudos de história literária e para reconstituição e complementação de estudos biográficos. É nesse aspecto que se destacam as coleções da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional. A Coleção Adir Guimarães, por exemplo, reúne um acervo predominantemente epistolar, no qual se acham cartas manuscritas de Machado de Assis, José de Alencar, Casemiro de Abreu, Olavo Bilac e, com especial destaque, por seu número elevado de itens, as cartas de Alberto de Oliveira. São mais de trinta cartas, dentre as quais foram destacadas, nesse rápido exame, as que o poeta dirige a Alfredo Pujol. Uma, de 5 de dezembro de 1915, elogia conferência sobre a obra de Machado de Assis; seis cartas ao mesmo destinatário tratam do mesmo assunto: a candidatura de Alfredo Pujol à Academia Brasileira de Letras: na primeira, de 14 de fevereiro de 1917, Alberto de Oliveira aconselha Pujol a candidatar-se a uma vaga na Academia; a segunda, três dias depois, informa-o de que já conta com o apoio de Olavo Bilac e pretende obter logo, também, o de Miguel Couto; no dia 19, dois dias depois da segunda carta, Alberto garante a Pujol o apoio de Emílio de Menezes.

No mesmo ano, em 14 de novembro, Alberto de Oliveira escreve a Pujol, cumprimentando-o pela eleição para a Academia. O assunto encerra-se com carta do poeta desculpando-se por não ter podido estar presente à posse de Pujol. Outras cartas de Alberto de Oliveira deixam entrever um pouco do ambiente em que viviam os missivistas; em carta a Raimundo Correia, Alberto de Oliveira comenta o momento que vivem e faz referências aos amigos que já haviam morrido, uma carta de sentido muito humano, ligando os dois poetas da trindade parnasiana brasileira. Há também uma carta a Coelho Neto, de 29 de dezembro de 1908, na qual o poeta convida o romancista a uma sessão de leitura de poemas de Augusto de Lima, no salão da Academia; numa outra, também dirigida a Coelho Neto, esta, de 31 de maio de 1913, Alberto informa ao romancista que havia resolvido suas dúvidas sobre a origem da palavra estatelado: de fato, ela vinha da palavra estátua. Com isso concorda mestre Antenor Nascentes, baseado em D. Carolina

Michaelis de Vasconcelos, acrescentamos nós. Uma das últimas cartas a Coelho Neto é um pedido de desculpas de Oliveira por não ter podido ir à casa do romancista ouvir Leal de Sousa na leitura de seu livro *Bosque Sagrado*.

Merece atenção muito especial a correspondência entre Manuel Bandeira e Ana Sales Brandão, a famosa Donana, de Campanha, Minas Gerais. São cerca de trinta cartas de Bandeira, a primeira das quais expedida de Cavadel, em 12 de janeiro de 1914, e a última, já de 1966, daqui do Rio de Janeiro. Junto às cartas encontram-se recortes de jornais e uma cópia do poema "Versos de doente", que o poeta envia a Donana. Esse poema foi incluído no Apêndice II à edição crítica de *A cinza das horas*, *Carnaval* e *O ritmo dissoluto*, preparada por Julio Castañon Guimarães e Rachel Teixeira Valença, com a dedicatória, "A Donana Sales".

Entretanto, nesta sessão do Seminário Ciência, Natureza e Sociedade – Encontros Científicos Franco-Brasileiros, em que se reúnem franceses e brasileiros interessados em estudos de manuscritos, parece-me oportuno e, até mais que isso, necessário, chamar a atenção para os papéis de uma mulher, uma franco-brasileira muito estimada de quantos com ela conviveram e que, aqui, na retaguarda da Resistência Francesa, foi considerada uma brava heroína... Seu nome, Marcelle Jaulent Reis, conhecida sob o pseudônimo de Beatrix Reynal, nascida em 1892, na Provence de Mistral e de Daudet, e falecida em 1990. Durante os anos negros da ocupação da França, de 1943 a 1944, Beatrix Reynal despendeu quase todos os seus haveres em campanhas pela libertação da França. Muito bem relacionada com a sociedade do Rio de Janeiro e com o corpo diplomático aliado aqui residente, foi uma batalhadora pela causa da França, mantendo à sua custa um programa radiofônico, para falar da Resistência e da luta do General De Gaulle e de outros patriotas contra o governo de Vichy.

Beatrix Reynal doou seus livros, ainda em vida, à Biblioteca Nacional. Esses livros foram incorporados ao acervo geral e aos acervos especiais da Casa, mantendo, porém, sua identidade como livros da Coleção Beatrix Reynal. Em 1977, a Biblioteca organizou uma exposição dessas obras com a edição de um catálogo, onde Janice de Mello Montemor, então Diretora da instituição escreveu:

A Coleção é constituída, em grande parte, de obras de autores brasileiros e franceses presentes na literatura dos últimos cinqüenta anos, e tem sua importância acrescida por apresentar autógrafos de escritores como Bernanos, Montherlant, Colette, Maurois, Bandeira, Graciliano Ramos, Mário de Andrade e tantos, a demonstrar não só a admiração por Beatrix Reynal, poeta da França, mas sobretudo pela Beatrix, extraordinária figura da RESISTÊNCIA FRANCESA nos sombrios anos da década de quarenta.

Ultimamente chegou à Biblioteca Nacional uma coleção de papéis contida em 19 pastas de cartolina que, do mesmo modo que outras coleções da Divisão de Manuscritos, aguarda um tratamento inicial: separação, identificação, seleção, higienização e guarda em pastas de papel neutro, pelo menos isso, antes de um tratamento técnico definitivo e sua incorporação ao acervo ativo da instituição. Sabe-se muito bem, e disso tenho longa experiência, das dificuldades de toda ordem, mas sobretudo financeiras, que impedem a Biblioteca Nacional de realizar todos os seus projetos, ou, pelo menos, os mais urgentes.

Das 19 pastas oriundas da casa de Beatrix Reynal, pelo menos três são de correspondência variada relacionada com suas múltiplas atividades, tanto na resistência política, quanto em obras sociais em favor de comunidades carentes, pela alfabetização de adultos, etc. São cartas, bilhetes, mensagens de franceses e brasileiros, escritores, poetas e intelectuais. Entre tantas, pude destacar e examinar algumas.

A mais antiga com que deparei numa das pastas é de Carlos Lacerda, de fevereiro de 39. Nela, o jovem futuro político fala, com entusiasmo, de sua leitura de *Tendresses Mortes*, um dos livros de poemas de Beatrix Reynal.

Tarsila do Amaral escreve-lhe de São Paulo, em francês, em 21 de agosto de 1945, para perguntar se Beatrix teria visto o artigo que escrevera no *Diário de São Paulo*, sobre *Poèmes de Guerre* e informa que, de qualquer modo, está lhe enviando um recorte do jornal.

Poèmes de Guerre é, ainda, o assunto de uma carta de Abgar Renault, de 21 de julho de 1943.

Ainda em 1943, já tendo o Brasil entrado na guerra, Murilo Miranda escreve a Beatrix Reynal sobre *Poèmes de Guerre*. Nessa carta de 21 de janeiro, ele declara: "O governo deveria distribuir seu livro, esses poemas de guerra, que nos trazem tanta paz, a certeza da vitória". Não se consegue saber que livro Carlos Drummond de Andrade agradece em carta amável a Beatrix, de 26 de novembro de 1957, em francês. Nela, escreve o poeta de *Rosa do Povo*: "C'est toujours agréable de recevoir un livre, un vrai livre..."

Maria José de Queirós escreve-lhe de Belo Horizonte, no dia 22 de setembro de 1975 sobre o número de Macunaíma dedicado a Oswaldo Goeldi e faz referências aos poemas de Carlos Drummond de Andrade e de Murilo Mendes, publicados nesse mesmo número. Há ainda uma carta anterior de Maria José de Queirós, de 24 de abril de 1974.

Murilo Mendes não está ausente da correspondência de Beatrix Reynal; num bilhete bem informal, agradece os cumprimentos pelo dia 13, seu aniversário. O bilhete é datado de 13/30 de maio de 1951 e vem assinado apenas com o prenome do poeta. Ajuda a identificação a referência à data de 13 (de maio) e o nome Saüdade, assim, com trema, que é de Maria da Saudade Cortesão, sua esposa.

Três cartas marcam a presença de Rachel de Queiroz na correspondência de Beatrix Reynal. Numa primeira carta, de março de 1953, a romancista do *Quinze* desculpa-se por não ter comparecido à cerimônia de entrega de uma condecoração; numa outra, datilografada e sem data, cumprimenta a heroína francesa pelo recebimento da Légion d'Honneur. A terceira, de 3 de março de 1959, pergunta sobre o resultado de um documento enviado por intelectuais brasileiros ao Presidente René Coty, em que pediam que Beatrix fosse convidada oficialmente a visitar a França. Coroando os elogios às qualidades humanas e cívicas de Beatrix Reynal, escreve Rachel: "Que francês no estrangeiro fez o que você fez pela França durante a guerra? Nós, que fomos testemunhas de seu heroísmo, bem o podemos destacar".

Assim, um rápido exame nos papéis de Beatrix Reynal dá-nos uma idéia da importância desses documentos para a história de nossas relações culturais, em geral e especificamente literárias com os franceses. Esse acervo é bem um testemunho de um momento

que, sem dúvida, foi de dificuldades imensas e dolorosas, mas que não deixa de ser também um momento privilegiado na história das relações culturais com a França. No incentivo dessas relações, foi ímpar a contribuição de Beatrix Reynal.

Espera-se que a Fundação Biblioteca Nacional possa logo dispor de condições para efetuar o tratamento técnico dessa coleção e que ela venha a ser estudada como merece por seu alto valor.